

Coragem dos ignorantes



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista

de robôs que vão trabalhar em fábricas norte-americanas. Mas nada disso acontecerá no curto prazo, nem dentro de um mandato presidencial de quatro anos.

O mundo conseguiu um prazo para respirar. Os europeus, que já tinham decidido retaliar na mesma proporção do agravo, resolveram aguardar 90 dias. A maioria dos países se contentou com esse novo prazo e passou a assistir de arquibancada à luta entre os dois gigantes do comércio mundial. Os chineses jogam xadrez. Responderam vendendo 50 bilhões de dólares em títulos do Tesouro norte-americano, o que provocou a desvalorização do papel e quebrou a confiança internacional naquele investimento. Os americanos acusaram o golpe e recuaram imediatamente. Mas taxaram os produtos chineses em absurdos 145%.

Guerras tarifárias não costumam consagrar vencedores ou vencidos. Costumam dar motivos para guerras de verdade, tiros e bombas para todos os lados. As últimas duas guerras mundiais estão repletas de exemplos de tributação excessiva que degenerou em conflito bélico. A condenação da Alemanha a pagar vultosas multas após a primeira guerra resultou na indignação do país, na conseqüente preparação bélica que desaguou no conflito que produziu mais de 50 milhões de mortos.

A irracionalidade dos dirigentes políticos não é recente, nem original. As pessoas suspeitavam que os novos e mais eficientes meios de comunicação produziram melhores líderes, mais bem informados. Não é verdade. Trump é um legítimo representante do pensamento dos anos 30 do século passado. Além disso, ele é contra a educação nos Estados Unidos — persegue estudantes que façam crítica ao governo norte-americano e a Israel —, expulsa

migrantes sem qualquer critério, nem julgamento. Coloca gente de outro país em prisão em El Salvador, a troco de um generoso pagamento. Ataca o Judiciário, não respeita as leis, além de ter traído a confiança de grandes eleitores, que contribuíram com milhões de dólares para sua campanha. Destruíu a aliança ocidental e quebrou o cristal da confiança que o governo de Washington inspirava no mundo. Demitiu milhares de funcionários públicos.

Um espanto. Trump é uma espécie de Nero moderno, com sua pinta de galã dos anos 30, sem qualquer verniz intelectual. O Brasil, com exceção de umas poucas empresas grandes estabelecidas em várias partes do mundo, está protegido das loucuras do homem forte do Norte por ser pequeno e não pertencer a nenhum bloco que possa ser severamente penalizado. Talvez haja algum embaraço na reunião do Brics, quando deverá ser realizado algum tipo de desagravo em relação à China. Mas, o histórico subdesenvolvimento nos protege, porque não há muito o que discutir com o Brasil, que mantém a balança comercial deficitária com os Estados Unidos. Recebeu uma taxa recíproca básica de 10%, mas poderá se beneficiar no eventual aumento de comércio com a China e outros países asiáticos. Até os europeus já admitem a possibilidade de ratificar o acordo Mercosul-União Europeia.

Mas ninguém duvida de que Trump é um personagem da mídia. Ele adora frequentar as manchetes de jornal, estar diante dos holofotes de televisão. Faz qualquer negócio para aparecer sempre. Ele prometeu acabar com a guerra da Ucrânia e com o conflito entre Israel e palestinos. Tudo em uma semana. Não acabou nem com uma nem com outra guerra. Mas apareceu nos jornais do mundo inteiro.

Rumo à igualdade: a agenda das mulheres da OAB/DF



» ROBERTA QUEIROZ
Copresidente da Seccional do Distrito Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB/DF)

» RAQUEL CÂNDIDO,
Diretora-tesoureira da OAB/DF

Em março, reunimos, em um encontro na OAB/DF, lideranças femininas do nosso sistema. Foi um momento para compartilhar vivências e visões. Mais do que inspirador para cada uma de nós, trouxe o norte do que devemos fazer, a partir de uma luta que nos antecede e que, por ser contínua, ainda tem um longo caminho pela frente.

Participaram as conselheiras seccionais e federais, diretoras da OAB/DF, da CAADF e das 14 Subseções do Distrito Federal. Suas falas foram tão potentes e de uma riqueza ímpar que mereceram este artigo, o qual trata do repertório revelado pelas participantes e do que podemos fazer especificamente por nós, advogadas, mas, de maneira muito maior, pelas mulheres em nossa sociedade. Vamos às considerações e conclusões.

Se temos muito a celebrar no mês da Mulher e reconhecemos a importância das conquistas, também admitimos que estamos longe do ideal. Os lugares que ocupamos, atualmente, são frutos de muita luta, e somos gratas às que abriram caminhos. Agora, nosso papel é assegurar que a porta das oportunidades que elas acessaram se alargue até que todas nós passemos adiante.

A sororidade não se constrói em meio à concorrência e à desunião! É simples de entender e de dizer, mas a consciência de que a união é nossa força precisa estar presente na experiência cotidiana, nos mínimos gestos. É um desafio! Temos de acreditar nos sonhos umas das outras e trabalhar para que se tornem realidade!

Fundamentalmente, precisamos despertar a consciência de que toda mulher pode fazer muito ao ensinar outras a chegarem ao topo de suas vidas pessoais e de suas carreiras. O empoderamento, que significa agir pela igualdade com os homens e pela maior participação das mulheres em espaços de decisão desde os seus lares, passando pela comunidade e pela carreira, é essencial para os dias que virão.

Nós, advogadas, assim como outras profissionais na sociedade e mulheres que cuidam do lar, enfrentamos desafios específicos que exigem atenção e cuidado quanto à nossa saúde mental (estresse, esgotamento, estafa). Vencer isso é imperioso! Como?

Vamos agir, primeiramente, pela mudança da cultura na nossa casa e na sociedade. Falamos da tão necessária educação que diz aos homens que não assumiremos mais toda a responsabilidade do lar e do cuidado da família, e que a igualdade exige a distribuição justa; o compartilhamento das tarefas.

Queremos homens ao nosso lado! Aqueles que entendem que seu papel, tanto quanto o nosso, é lutar por direitos iguais. Não queremos mais nem menos! Iguais!

Recado claro aos advogados: não queremos ser coadjuvantes de nossa própria produção intelectual. Chega de os homens assinarem nosso trabalho! E isso, claro, deve se estender ao universo de mulheres no mercado de trabalho!

Se falamos de pluralidade e de diversidade (não apenas da boca para fora), o compromisso precisa ser exponencial na promoção das mulheres negras, pois elas sofrem um verdadeiro embranquecimento em lugares de poder e são a minoria. A luta pela igualdade exige um olhar interseccional e respeitoso com os movimentos negros, os indígenas e os de direitos das pessoas LGBTQIA+. Precisamos respeitar as diferenças; celebrar a multiplicidade!

Outro aspecto que nos cabe abordar e ter claro como agenda prioritária: o enfrentamento à violência política contra mulheres, à violência doméstica e ao feminicídio. Se encontrarmos uma mulher em situação difícil, agredida por suas palavras e posicionamentos, ou fisicamente, precisamos interromper tudo e manifestar nosso apoio em gestos concretos. É um compromisso que precisa ser amplificado entre nós. Isso não quer dizer abraçar a política partidária, porque a Ordem é independente. Contudo, não vamos nos calar quando mulheres são agredidas, e isso não importa o espectro político! Quanto à violência doméstica e ao feminicídio, já atuamos e ampliaremos ações em prol de salvar vidas e punir agressores.

Acreditamos que, por meio de nosso serviço à Ordem e à sociedade, podemos construir um mundo mais paritário e equânime para as próximas gerações. Temos certeza de que, unidas, somos mais fortes e podemos fazer a diferença, e que nada virá de "mão beijada". Aliás, não iríamos querer isso, pois o sentido de luta das mulheres é, historicamente, revestido de conquistas. Agradecemos a todas as mulheres que nos disseram isso e muito mais! A OAB/DF tem compromisso com vocês e com a vanguarda.



Condenar Bolsonaro pelo golpe não basta. Vidas negras também pedem justiça



» DOUGLAS BELCHIOR
Professor de história, cofundador da Uneafro Brasil e da Coalizão Negra por Direitos

Foi planejado quando ele desmontou as políticas de cotas, atacou a Lei de Cotas nas universidades, reduziu os investimentos nos programas de permanência escolar e incentivou o fim das ações afirmativas. Foi planejado quando ele sabotou a vacinação, atrasou a compra de imunizantes e promoveu o uso de remédios sem eficácia no auge da pandemia, quando milhares de mães pretas choravam seus mortos nas periferias. Foi planejado quando ele retomou o discurso da "guerra às drogas" para legitimar a matança da juventude negra, ao mesmo tempo em que planejava blindar policiais com o excludente de ilicitude.

Bolsonaro e sua base de apoio sempre souberam o que estavam fazendo. Quando se veem pressionados, acionam a pauta do racismo como cortina de fumaça. Vide os episódios em que, para fugir de críticas, aliados dele desenterraram propostas absurdas contra cotas raciais, plantando notícias para manipular o debate. Essas ações não são acidentais. São uma tática para manter acesa a chama do ódio e mobilizar uma base reacionária que tem o racismo como elemento estruturante.

E é contra isso que o movimento negro tem lutado há décadas. Fomos nós que denunciávamos o bolsonarismo muito antes de ele tentar tomar o poder pela força. Fomos nós que enfrentamos o desmonte do Estado na pandemia com solidariedade. Fomos nós que encaminhamos denúncias à Organização das Nações Unidas (ONU), à Organização dos Estados Americanos (OEA) e protocolamos um dos diversos pedidos de impeachment junto ao Congresso Nacional. Organizamos campanhas como a

"Tem Gente com Fome, Dá de Comer", que arrecadou quase R\$ 30 milhões e alimentou 500 mil famílias em meio à grave crise de fome que assolava o Brasil. E no segundo ano da pandemia, enquanto as corretas orientações eram de permanecer em casa, cumprimos o papel de vanguarda, convocando as ruas em protestos contra a violência policial e em revolta contra fome. Ocupamos as redes, as ruas e as urnas. E derrotamos Bolsonaro — com o voto antirracista e com luta cotidiana, de base.

Mas derrotar nas urnas não basta. O que Bolsonaro representa segue vivo. O fascismo à brasileira não recuou. Ele disputa os sentidos da democracia, transforma mentiras em doutrina e segue ameaçando nosso futuro. É por isso que o julgamento no STF é fundamental. Não por ser o fim de um ciclo — mas por ser o início de uma resposta histórica.

Bolsonaro deve ser julgado pelos atos de 8 de janeiro, sim. Mas deve, principalmente, responder pelo rastro de destruição que deixou. Pelas mortes que poderiam ter sido evitadas. Pelas políticas públicas que desmontou. Pelas vidas negras interrompidas. Pela tentativa sistemática de desmontar tudo o que lutamos para construir.

A democracia de verdade — aquela que deveria alcançar a favela, o campo, os quilombos, as aldeias e as periferias — ainda não chegou. Mas quando um criminoso do quilate de Jair Bolsonaro é levado aos tribunais, começamos a abrir uma brecha. É pouco. Mas é um começo. E o movimento negro seguirá cobrando, denunciando e mobilizando. Porque a justiça, quando tarda, pode falhar. Mas, se vier, que venha completa.